



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-eixo: Ênfase em Formação profissional.

CULTURA E MARXISMO: OS DESAFIOS PARA A PESQUISA-AÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

Rafaela de Souza Ribeiro¹
Darlam Cezar Alves Maia²
Raylla André da Rocha Paiva³

Resumo: A proposta tem como objetivo abordar a categoria cultura no interior do marxismo e destacar sua relevância para a construção do conhecimento em Serviço Social como profissão interventiva. A partir das investigações já iniciadas, a temática apresenta pouca relevância no debate acadêmico para análise da prática profissional e para produção de conhecimento na área.

Palavras-chave: Cultura, Marxismo, Serviço social.

Abstract: The objective of the proposal is to approach the category of culture within Marxism and highlight its relevance for the construction of knowledge in Social Work as an interventionist profession. From the investigations already begun, the theme presents little relevance in the academic debate to analyze the professional practice and to produce knowledge in the area.

Keywords: Culture, Marxism, social work.

A presente proposta tem como objetivo abordar a categoria cultura no interior marxismo e destacar sua relevância para a construção do conhecimento no âmbito do Serviço Social como profissão interventiva.

A importância desse estudo consiste na possibilidade de abrir um espaço para debater a cultura no interior da categoria profissional, uma vez que, a temática possui pouca representatividade no debate acadêmico e/ou com pouca relevância para análise da prática profissional e para produção de conhecimento na área. Tais objetivos sublinham a necessidade de aprofundar o debate acerca de categorias teóricas complexas, que apontam para a necessidade de retomar certo rigor teórico e metodológico para a análise da realidade social a partir da visão de totalidade. O trabalho foi elaborado a partir da experiência de pesquisa desenvolvida na Escola de Serviço Social da UNIRIO pelo projeto de pesquisa intitulado: “Cultura e Serviço Social: desafios

¹ Professor com formação em Serviço Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: ribeiro.rafaela@gmail.com.

² Estudante de graduação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: ribeiro.rafaela@gmail.com.

³ Estudante de graduação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: ribeiro.rafaela@gmail.com.

para uma nova práxis” e possui orientação teórica e metodológica marxista, sobretudo, na obra de Antônio Gramsci e na produção teórica da Chamada Nova Esquerda⁴ e dos Estudos Culturais.

Para isso, iniciamos a proposta destacando a definição da categoria cultura no âmbito da teoria social crítica, sobretudo com influência da antropologia e sociologia, recuperando aspectos que consideramos mais relevantes para o debate contemporâneo. Nas palavras de Williams (2011), Cultura diz respeito às formas de sociabilidade, onde, hoje, se colocam questões amplas e fundamentais que transitam entre elementos formativos e determinantes que produzem essas “culturas características”. Reúne aspectos de ordem mais global (política e economia) e específicos e derivados (produtos e símbolos- música, arte, literatura etc).

O que temos hoje, como vanguarda no chamado materialismo cultural, é uma convergência de sentidos que culmina numa análise do modo de vida global diretamente relacionado com manifestações também de ordem local e específica. Foi a obra de Gramsci, que proporcionou aos estudos culturais, uma leitura que ultrapassasse essa análise cindida entre modos de vida globais e específicos, assim como, entre alta cultura e cultura de massas. Raymond Williams- intelectual marxista, fundador do Partido Comunista da Grã-Bretanha e da disciplina que ficou conhecida como materialismo cultural-, toma de Gramsci, a ideia de cultura como modo de vida, e retoma a obra do Sardo para reafirmar a necessidade da criação de uma nova cultura, baseada em princípios éticos e morais, que levasse em consideração, principalmente, as formas de vida da classe trabalhadora. Para isso, segundo Williams, é necessário que se recupere aspectos ideológicos que influenciam direta e indiretamente seus modos de ser e agir em sociedade. Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais”; significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, “socializa-las” por assim dizer; e, portanto, transformá-las em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral” (GRAMSCI, 1999). Um erro comum, é simplificar o conjunto de complexos processos concretos pelos quais uma “cultura” ou uma “ideologia”, é ela própria produzida.

A relevância de uma abordagem materialista da cultura está baseada numa leitura da cultura e das práticas culturais como uma dimensão do ser social no interior de uma

⁴ A Chamada *Nova Esquerda (New Left)*, “foi um movimento que a partir de final dos anos 1950 reuniu diversos intelectuais britânicos em torno de novas formas de pensar e fazer política, interligados principalmente pelo viés dos Estudos Culturais” (CEVASCO, 2012, p. 82). Seus principais membros estavam aglutinados em torno do Partido Comunista britânico, quando a crise de 1956 veio colocar um ponto final nesse alinhamento, em decorrência da quebra da União Soviéticas e do espraiamento das práticas Stalinistas.

totalidade complexa, sem desconsiderar as determinações de base material de produção da vida; pensando a unidade contraditória entre o material e o espiritual, a objetividade e a subjetividade, a estrutura e a superestrutura (MARTINS; NEVES, 2014). Essas são questões importantes para pensar a relação do Serviço social com a temática da cultura, o que significa, no nosso entender, pensar a relação do Serviço Social com o movimento da vida social em suas variadas dimensões.

Segundo Williams (1979),

“superestrutura” é, aqui, toda a “ideologia” da classe: sua “forma de consciência”, seus modos constitutivos de ver-se a si própria no mundo. Seria possível, com esse uso e outros usos posteriores, ver surgirem três sentidos de “superestrutura”: a) formas jurídicas e políticas que expressam relações de produção reais e existentes; b) formas de consciência que expressam uma determinada visão de classe do mundo; c) um processo no qual, em relação a toda uma gama de atividades, os homens se tornam conscientes de um conflito econômico fundamental e o tentam solucionar. Esses três sentidos dirigiam a nossa atenção, respectivamente, para a) instituições; b) formas de consciência; c) práticas políticas e culturais (WILLIAMS, 1979, p. 81).

Para o Serviço Social, a importância de se investigar os modos de vida das classes fundamentais, significa desvendar também os aspectos mais relevantes que sustentam o modo de produção vigente, assim como, suas formas de superação. No que se refere à classe que vive do trabalho, a mesma que fazemos uma estreita vinculação a partir do projeto ético-político defendido pelo conjunto da categoria profissional, o estudo da categoria ganha relevo na medida em que possibilita desvendar as formas de vida e de trabalho dessa classe, assim como o fortalecimento de novas estratégias de intervenção, principalmente quando possibilita uma atuação junto às chamadas “minorias” usuárias das políticas sociais.

O que vimos acompanhando, no entanto, é um baixo prestígio da categoria, frente a outros estudos que privilegiam ou aspectos mais gerais ou aspectos mais específicos, sem fazer qualquer crítica à histórica dicotomia entre teoria e prática e aos possíveis erros teóricos e metodológicos inaugurados pela profissão ao longo de seu processo de reconceituação, sobretudo, quando consideramos a problemática da apropriação do marxismo ainda sob os moldes de manuais soviéticos e com grande influência do estruturalismo Althusseriano. Não se trata mais de tratar a cultura como categoria generalista, mas sim, de defini-la a partir de uma tradição teórica específica, que seja capaz de traduzir os diferentes modos de vida, destacando assim, a importância para a atuação do assistente social em lidar de maneira mais aprofundada com os diferentes aspectos relacionados ao que se considera cultura.

A influência de grande parte desses pensadores marxistas foi decisiva na

construção de uma vertente do pensamento crítico do serviço Social, contudo, o debate acadêmico hegemônico na profissão não aborda com relevância a temática cultura e dos estudos culturais. Destarte, nem todos se propõem a debater a temática enquanto objeto de estudo, mas o que se deve considerar nessas observações, é que nem mesmo as análises mais próximas ao mundo da cultura, ganham expressividade no debate acadêmico do Serviço Social. Concluímos então, que é notória a escassez de estudos sobre o tema no debate acadêmico do Serviço Social e, ao mesmo tempo, um questionamento sempre presente nos estudos que vimos desenvolvendo, inclusive nesse grupo de pesquisa é: por que esses estudos não ganham relevância se precisamos conhecer de perto as formas de pensar e agir da classe trabalhadora para construir formas de intervenção que estejam diretamente conectadas com a superação dessa ordem societária? E mais, o que podemos observar de relevante nos estudos já realizados e no debate da categoria que conecta diretamente cultura e Serviço Social?

A cultura não é exatamente a chave heurística para o entendimento da questão social e das formas constitutivas do modo de produção de uma sociedade determinada, mas é uma categoria teórica necessária que possibilita construir mediações para análise das diferentes expressões da questão social, por exemplo, ressaltando novas possibilidades de intervenção para o exercício profissional, e, fortalecendo também, a relação teoria e prática numa perspectiva de unidade entre as dimensões micro e macroestrutural. A história das sociedades é a história dos homens vivendo em sociedade, as formas subjacentes ao modo de produção capitalista revelam o aparecimento de culturas diferenciadas e, ao mesmo tempo, pode ser a inflexão que proporcionará a mudança necessária para outras formas de organização social

Como parte das ciências sociais aplicadas, o Serviço Social avança como área específica definida pela CAPES, porém, assim como outras áreas afins, não é considerada área prioritária de investimento para a pós-graduação brasileira. A pesquisa nessa área específica, não tem impacto sobre a produção científica e tecnológica, núcleo central de investimentos da Política Nacional de Pós graduação. Na visão de Guerra (2009), o projeto profissional hegemônico nos programas, impacta sim, na qualidade de vida, nas lutas sociais, e se apresenta como uma proposta que colide com as diretrizes dessa Política. Afirma ainda que as produções do Serviço Social têm relevância social, porque procuram responder às necessidades e interesses da sociedade, e estão a serviço da classe trabalhadora, dos movimentos sociais e de suas lutas, como orientam as diretrizes curriculares do curso de Serviço Social no Brasil desde que, como se sabe, regulam a graduação no país. Na contramão dessa vertente crítico-profissional estão as

políticas oficiais de pós-graduação e pesquisa, seguindo as diretrizes das agência multilaterais.

Interessante ressaltar, que quando avançamos no debate teórico e metodológico da profissão, dialeticamente vimos emergir uma onda *neoconservadora*⁵, resultado da organização das forças sociais hegemônicas no Brasil e no mundo, o neoliberalismo.

O projeto ético e político da profissão, com propostas claramente contra-hegemônicas e balizadas em princípios que se valem da construção de outras formas de sociabilidade, colide diretamente com o projeto societário em curso. O que temos de saldo, é a reconfigurando do objeto de trabalho do assistente social e o debate sobre seu significado sócio-histórico e ideopolítico. Faz-se necessário reconfigurar as estratégias de atuação para responder às novas demandas, já que a relação entre a profissão e a realidade manifesta-se concretamente quando do enfrentamento da questão social.

Os avanços atingidos pelo Serviço Social como profissão é inegável, sobretudo quando atinge sua maturidade profissional, na década de 1990 com a consolidação de programas de pós-graduação sob influência do então, projeto ético-político profissional. No entanto, como já sinalizado, alguns retrocessos significativos impactam visceralmente as formas de pensar a profissão. Dicotomias entre agir e o pensar, voltam a permear o debate resgatando os traços conservadores, que nos foram tão caros num passado recente. O discurso do fim das metanarrativas traz a tona o que entendemos como ideologias pós-modernas, onde ressurgem concepções individualizantes de compreensão da vida social e das formas de organização dos sujeitos na sociedade⁶. O que percebemos nessa inflexão, é um grande número de debates que envolvem questões de gênero, raça, identidade e tantas outras que debatiam as expressões da questão social

⁵ Tomamos aqui a expressão *neoconservadora* como forma de demarcar as novas estratégias do capital para expropriar de diferentes maneiras, frente às novas formas de organização do trabalho, a classe trabalhadora. Contudo, as origens do conservadorismo são as mesmas decorrentes das mudanças na relação entre sociedade civil e Estado promovidas pelo avanço do grande capital. Como profissão diretamente inserida na reprodução da classe trabalhadora, o Serviço Social avança com novas estratégias e métodos de análise do real, mas sofre duplamente com o agravamento progressivo da questão social brasileira, como trabalho assalariado e com a precarização cada vez maior de seu principal lócus de atuação, as políticas sociais.

⁶ político profissional. No entanto, como já sinalizado, alguns retrocessos significativos impactam visceralmente as formas de pensar a profissão. Dicotomias entre agir e o pensar, voltam a permear o debate resgatando os traços conservadores, que nos foram tão caros num passado recente. O discurso do fim das metanarrativas traz a tona o que entendemos como ideologias pós-modernas, onde ressurgem concepções individualizantes de compreensão da vida social e das formas de organização dos sujeitos na sociedade³. O que percebemos nessa inflexão, é um grande número de debates que envolvem questões de gênero, raça, identidade e tantas outras que debatiam as expressões da questão social isoladamente, sem considerar a dimensão de classe e as contradições a elas subjacentes. Seguindo tais considerações, podemos pensar o debate da cultura, também a partir dessa ótica, onde como categoria complexa e heterogênea, é muitas vezes utilizada para “definir tudo e acaba não definindo nada”, ou, até mesmo, empregada de maneira rasa e desarticulada com o objetivo de dar conta de um ambiente “sócio-cultural” sem qualquer amparo teórico ou metodológico e, com isso, sem considerar aspectos relacionados à economia e à política.

isoladamente, sem considerar a dimensão de classe e as contradições a elas subjacentes. Seguindo tais considerações, podemos pensar o debate da cultura, também a partir dessa ótica, onde como categoria complexa e heterogênea, é muitas vezes utilizada para “definir tudo e acaba não definindo nada”, ou, até mesmo, empregada de maneira rasa e desarticulada com o objetivo de dar conta de um ambiente “sócio-cultural” sem qualquer amparo teórico ou metodológico e, com isso, sem considerar aspectos relacionados à economia e à política.

De acordo com Setubal (2007), apesar do Serviço Social ter se apropriado com maior rigor do método marxista na década de 1980, e empreendido esforços para o desenvolvimento de pesquisas *bebendo dessa fonte*, “percebe-se certa dificuldade por parte de alguns profissionais em vivenciarem a práxis como resultante da atividade do homem no seu fazer-se histórico”. Como a práxis social é uma atividade política, que pode mudar as relações econômicas e sociais, ela exige o desenvolvimento de ações integradas dos diferentes setores da sociedade e não ações pontuais já que a solução dos problemas sociais não se constitui responsabilidade de apenas uma área do saber, de determinada categoria profissional. Assim, não exige do profissional uma atuação militante em seu exercício profissional, o que seria um equívoco, mas é sua função contribuir com uma leitura que faça a unidade entre teoria e prática e que direcione suas ações para o questionamento da ordem vigente, com vistas à emancipação humana.

As inúmeras dificuldades de apreensão do método dialético, desde sua chegada até sua disseminação junto à categoria profissional, são de diferentes ordens e consolidaram avanços mas também, inúmeros retrocessos à prática profissional e ao desenvolvimento de investigações na área. Em tese, o que se observa é a reiteração de velhas práticas conservadoras, onde “pensar e agir” acabam, contraditoriamente, apartados e distantes das reais possibilidades de intervenção na realidade concreta. A “aplicabilidade do método” descrita em manuais, e seguida por muitos profissionais colocam novas questões de ordem teórica e metodológica em xeque, o que supõe uma análise criteriosa da produção de conhecimento. Parece uma questão superada diante das conquistas da categoria e dos sujeitos envolvidos nesse processo, principalmente do importante trabalho das entidades representativas na luta pela garantia dos direitos sociais, mas não é.

De acordo com Moljo (2009), O Serviço Social, ao trabalhar com as classes trabalhadoras no seu viver cotidiano, sempre interveio nas formas de organizar os seus costumes, os seus modos de vida, seja de forma direta ou indireta, mas, nem sempre teve uma compreensão teórica sobre este ‘agir’. Esta visão da ação profissional mencionada

pela autora, considera como parte da atuação do assistente social o que costuma ser denominado como 'mundo da cultura'. No entanto, a perspectiva analítica tratava de moldar os sujeitos à realidade institucional, adaptando suas necessidades às possibilidades de atuação mediadas pelo mercado de trabalho (destaque para o Serviço Social de caso, grupo e comunidade). Concordamos com a análise da autora, uma vez que só é possível compreender a profissão como fruto do desenvolvimento histórico da sociedade capitalista. Logo, as mudanças nos cenários políticos e econômicos, impulsiona mudanças em suas estratégias metodológicas reiterando assim, a necessidade social da profissão. Contudo, vale destacar que o Serviço Social nunca se preocupou de fato em teorizar sobre cultura e, sobretudo, sobre a relação entre cultura e Serviço Social.

É no cotidiano que esta categoria se mostra mais evidente é que podemos compreender sua importância enquanto processo que conjuga passado e presente, tradição e modernidade, singularidade e universalidade, estrutura e superestrutura.

Gramsci revela a importância do princípio da totalidade quando através da filosofia da práxis, não como uma teoria explicativa da história ou das leis econômicas, aponta para a unidade dialética entre política, economia, história e cultura. A interação entre estrutura da sociedade e a superestrutura, compondo assim um bloco histórico no qual precisamente, as forças materiais são o conteúdo e as ideologias são a forma (GRAMSCI, 2000).

É necessário sinalizar que a esfera econômica abarca o conjunto das relações sociais que se organizam e se complexificam num nexos orgânico entre a infraestrutura econômica e as superestruturas políticas, jurídicas e culturais. Aqui situa-se a teoria da hegemonia, que implica além da transformação política, a transformação econômica e social (SIMIONATTO, 2011).

De fato o que temos hoje do legado de Gramsci para o marxismo é um avanço de uma leitura crítica da sociedade e do Estado moderno, a partir do que denominou de *filosofia da práxis*, onde foi possível compreender o nexos orgânico entre economia e política, entre filosofia, política e cultura (SIMIONATTO, 2011). Seu legado levantou reflexões sobre a possibilidade de construção de um projeto de sociedade diverso do capitalismo, caminhando para uma perspectiva revolucionária e não voluntarista e idealista.

Por ser um crítico da política (COUTINHO, 2003; SIMIONATTO, 2011), Gramsci não se distancia do legado de Marx nas análises da unidade dessas esferas, alegando que isto ocorre mediante o desenvolvimento dialético das contradições entre homem e matéria, ou seja, entre natureza e forças produtivas, entre "vontade humana (superestrutura) e estrutura econômica", assim como na política ocorrem as relações entre Estado e Sociedade Civil.

O estudo das categorias evidenciadas em sua obra inaugura um importante debate à luz da perspectiva crítica com capacidade para decifrar as transformações societárias nos tempos em que os fundamentos e pressupostos da hegemonia neoliberal prosseguem imprimindo sua direção ético-política.

Do jovem Gramsci ao Gramsci da maturidade encontramos fortemente impregnada em seu pensamento, a preocupação constante com a construção de um novo projeto civilizatório, de uma nova civiltà capaz de vencer os desafios da modernidade e construir uma democracia “de baixo para cima”, uma democracia econômica, política e social. Em sua breve trajetória de vida, deixa, como legado, um pensamento crítico comprometido com a realidade essencialmente marcada por processos de exclusão social, por antagonismos e diferenças sociais, regidos por regras tradicionais conservadoras, pelo instituído, pelas leis injustas, quase sempre utilizadas em função da manutenção de privilégios (SIMIONATTO, 2001, p.7).

Pensando em algumas categorias que consideramos centrais para os Estudos Culturais no âmbito do marxismo hoje, vale ressaltar que é comum nas análises de Gramsci, nos depararmos com “pares categoriais”, cuja interpretação separadamente poderia nos levar a graves equívocos teóricos. Destacamos aqui, estrutura e superestrutura; coerção e consenso; intelectuais tradicionais e intelectuais orgânicos, hegemonia e supremacia; senso comum e bom senso; Estado e sociedade civil. A questão do método, nos proporciona a retomada dos estudos culturais a partir dessa ótica, demonstrando que é somente na dimensão da totalidade, levando-se em consideração os diferentes processos e suas particularidades, que poderemos avançar.

Apesar da pouca produção teórica sobre os países do sul, ou precisamente da América Latina, como já salientamos, nosso continente foi a primeira região do mundo, com a natural exceção da Itália, a entrar em contato mais estreito com a obra de Gramsci. Hoje, sem dúvidas, o sardo é um dos autores estrangeiros mais lidos e influentes na América Latina, a forte presença de sua obra para pensar a questão da cultura e dos avanços do capitalismo e do neoliberalismo é indispensável do ponto de vista da consolidação de estratégias políticas para a superação dessa ordem e para a criação de uma nova cultura. Não se trata, nesse caso, da transposição mecânica de sua análise e categorias para nossa realidade, mas sim, na possibilidade de utilizarmos todo seu legado como fonte de estudo, principalmente para a criação de uma teoria voltada para a ação política.

A problemática da cultura no debate acadêmico do Serviço Social aparece atrelada apenas a determinados aspectos da cultura- “cultura da crise”, “cultura profissional”, cultura popular e alta cultura, pontos de cultura, ou cultura vinculada às artes em geral. Como “modo de vida” o que se tem observado com frequência, é o termo que se refere às “relações sociais”, à “formação sócio-histórica” de uma sociedade específica, e à própria noção de trabalho (ainda como correlato às experiências de transformação da natureza

para satisfação cada vez mais rápida/eficiente de suas necessidades). Assim, a dimensão da cultura em si, não é facilmente identificada, se apresentando apenas em sentido restrito, considerando um ou outro aspecto dos modos de vida em geral.

Nesse sentido, a apreensão que sugerimos aqui, diferencia-se qualitativamente por sua ênfase na noção de totalidade, levando em consideração a relação mediada, porém de complementaridade, entre estrutura e superestrutura e, sendo assim, suas determinações. Essas são questões importantes para pensar a relação do Serviço social com a temática da cultura, o que significa, no nosso entender, pensar a relação do Serviço Social com o movimento da vida social em suas variadas dimensões. Nesse caso, a dimensão da cultura carece de uma definição teórico- metodológica específica que demarque os vínculos com a teoria social crítica para um fazer profissional comprometido e crítico. Daí o desafio que temos, pela característica muito peculiar de nossa prática:

o de decifrar o potencial político da cultura que preside o modo de vida e de trabalho das classes subalternas como um componente vivo e ativo da luta de classes e da constituição destas mesmas classes no processo de luta (IAMAMOTO, 2004, p. 129-130).

O sentimento de classe é uma espécie de modo de ser e não algo uniforme que possuam todos os indivíduos que, objetivamente, poderiam ser incluídos numa dada classe. “Quando se fala, por exemplo, de uma ideia da classe trabalhadora, não se pretende afirmar que todos os trabalhadores a tenham ou mesmo a aprovelem. Pretende-se, ao contrário, asseverar que essa ideia está essencialmente corporificada nas organizações e instituições que a classe gera: o movimento da classe trabalhadora é considerado em termos de tendência e não em termos de indivíduos. Seria fútil entender os indivíduos em termos rígidos de classe, já que está é uma expressão coletiva, não uma pessoa. Mas, ao interpretar ideias e instituições, podemos, por certo, falar em termos de classe. A questão, em cada momento, depende do fato que se deseja examinar. Tomar um indivíduo como pura expressão de sua classe, ou julgar uma relação com ele apenas em termos de classe é reduzir a humanidade a uma abstração. Reciprocamente, é negar os fatos querer ignorar os modos coletivos de expressão (WILLIAMS, 1969, p. 335).

Podemos dizer ainda, que uma apropriação indébita ou conservadora da dimensão da cultura, ou a falta de conhecimento de conceitos que permitem fazer a mediação para recompor a ideia de cultura na teoria social, poderá contribuir para um empobrecimento da compreensão da realidade, negando-a em seu movimento contraditório, o que afasta o Serviço Social da construção de propostas alternativas comprometidas com os valores éticos, tão amplamente enunciados pela perspectiva crítica.

É primordial compreender que o Serviço Social se insere na reprodução da vida

social, e isso implica não somente a reprodução biológica, mas também ideológica que, sem dúvida, envolve a cultura e os modos de vida. Reafirmamos uma vez mais que, para o Serviço Social, conhecer esta dimensão é fundamental, já que se configura como dimensão importante para o desvelamento das diversas expressões da questão social, no âmbito da intervenção direta e na pesquisa da realidade, como também, para as produções teóricas da categoria.

Destacamos assim, a necessidade de implementação de projetos de intervenção e pesquisas que estejam estreitamente vinculados com as necessidades sociais em geral e em particular, que possibilite inclusive a construção de assessoria a políticas públicas, programas e projetos sociais capazes de responder as demandas locais, levando em consideração a cultura, e a forma de inserção e organização da classe trabalhadora na sociedade capitalista. Essa apreensão das diversas complexidades e singularidades potencializa a capacidade de protagonismos dos sujeitos sociais e, pode responder tanto às necessidades imediatas quanto fomentar núcleos de organização de setores populares.

O trabalho do Serviço Social em sua dimensão interventiva, não pode ser apartada da dimensão ideológica e do projeto ético e de criação de valores. No entanto, os limites da atuação profissional precisam ser reconhecidos e superados, no seio mesmo desse modo de produção, como estratégia de consolidação de novas formas de agir voltadas para a classe na qual fizemos uma aliança. Reconhecer os limites que nos impõem esse modo de produção, não significa tomá-los como intransponíveis, mas sim, dar um salto qualitativo na tentativa de construção de novas formas de atuar com estreitos vínculos ao projeto de classe que nos é tão caro.

O principal desafio em trabalhar cultura como categoria teórica e estreitamente vinculada ao modo de vida das classes, e assim, como ferramenta essencial para o trabalho do assistente social, é sua compreensão dentro de um método que seja capaz de realizar a mediação necessária entre pensar estratégias e intervir na realidade concreta.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Marina Maciel. **Serviço Social e a organização da Cultura**: perfis pedagógicos da prática profissional. 4. ed. SP: Cortez, 2011.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. SP: Boitempo Editorial, 2012.
- COUTINHO, C. N. **O leitor de Gramsci, escritos escolhidos**. RJ: Civilização Brasileira, 2006.
- GRAMSCI, ANTONIO. **Cadernos do cárcere**. v. 4, edição de Carlos Nelson Coutinho, com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro,

Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Cadernos do Cárcere**. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **Cadernos do cárcere**. V. 2. edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio. Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GUERRA, I. **A instrumentalidade no trabalho do assistente social**. Direitos Sociais e Competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HOBBSAWM, Eric. **História do marxismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Volumes I à XII.

IAMAMOTO, Marilda. A formação acadêmico-profissional no Serviço Social brasileiro. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, Cortez, n. 120, Oct./Dec. 2014.

IAMAMOTO, Marilda. **O Serviço Social na cena contemporânea**. Direitos Sociais e Competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

IAMAMOTO, Marilda. **Renovação e conservadorismo no Serviço Social**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2007.

MARTINS, A. M. S. e NEVES, L.M.W. Cultura, educação, dominação: Gramsci, Thompson, Williams. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 55, p. 73-93, mar.2014. ISSN: 1676-2584.

MOLJO, C.; CUNHA, A.M. Serviço social e cultura: considerações acerca das concepções de cultura na trajetória da profissão no Brasil desde a sua gênese até os anos 1990. **Libertas**, Juiz de Fora, v.4, n.1, p. 78 - 104, jul-dez / 2009 – ISSN 1980-8518. Disponível em: <https://libertas.ufjf.emnuvens.com.br/libertas/article/view/1855/1304>.

SETUBAL, Aglair Alencar. Desafios à pesquisa no Serviço Social: da formação acadêmica à prática profissional. **Rev. katálysis** [online]. 2007, v.10, n.spe, pp.64-72. ISSN 1982-0259. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-49802007000300007>

SIMIONATTO, I. Marxismo Gramscianos e Serviço Social: intervenções mais que necessárias. **Revista Em Pauta**, Rio de Janeiro, v.9, n.27, p.17-33, jul., 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Rafaela/Desktop/simionatto-%20gramsci-seso.pdf>

WILLIAMS, R. **Cultura**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979.